

O LEQUE

(Tan-Jo-Su)

Estava a Noiva tímida e formosa,
Na primeira manhã do seu noivado,
Na pequenina alcova silenciosa
Onde abraçara o seu Esposo amado.

Graciosa, o leque de charão agita,
Desoprimindo o sufocado peito;
Mas nele, por acaso, estava escrita
Uma frase que tinha este conceito:

“Nos dias de calor, em pleno estio,
O meu frescor suavíssimo apetece...
Chega o rigor do inverno, chega o frio,
E toda a gente me desdenha e esquece.”

A Noiva leu; e nisto, de repente,
Ergueu o olhar turbada e pensativa...
Deixou-a aquele dístico inocente
Numa vaga tristeza apreensiva.

“É moço, – diz – o meu amado Esposo;
Por isso vem neste primeiro ardor,
Refrigerar seu coração feroso
Nas carícias subtis do meu amor.

Mas quando tiver frio o coração,
E nele a chama juvenil pereça,
Quando for sem desejo e sem paixão,
Talvez um dia me desdenhe e esqueça...”

Antônio Feijó

[*Cancioneiro chinês*. 2. ed. rev. aum. Lisboa: Livraria, 1903. p. 29-30]

Transcrição: José Américo Miranda